

# MARANHENSE. E POR QUE NÃO TIMBIRA? OS ADJETIVOS PÁTRIOS E GENTÍLICOS À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA

## MARANHENSE. AND WHY NOT TIMBIRA? THE TARGET AND GENTLY ADJECTIVES IN THE LIGHT OF ECOLINGUISTICS

Maria Célia Dias de Castro\*, Gisélia Brito dos Santos\*\*

### RESUMO

No léxico da língua, os adjetivos pertencem a uma classe de nomes que se juntam aos substantivos para acrescentar-lhes significados e características, exercendo papel fundamental na descrição dos objetos e dos eventos do mundo. Nesse conjunto lexical, o qualificativo denomina-se adjetivo pátrio quando se refere à nação, como “brasileiro”, da mesma forma que a naturalidade “maranhense” está associada ao território, o que não ocorre com “timbira”, por exemplo. Esses adjetivos derivam do nome do lugar ou da nação, no que decorre chamarem-se pátrios. Mas ao se pensar no povo, pessoas com costumes similares que habitam determinadas localidades, o conceito acionado é o gentílico, como “potiguar”, “gaúcho”, “capixaba”. Estes adjetivos designativos de raça ou região de origem podem também ser chamados étnicos. Muitos autores não diferenciam os adjetivos que fazem referência ao lugar, à nacionalidade, à pátria dos que referenciam determinados grupos humanos de procedência comum. Esses dois pontos de vista muito interessam à análise ecolinguística, aporte teórico que estuda as inter-relações entre o homem, a língua e o meio ambiente ou território, em sua totalidade, o ecossistema linguístico (COUTO, 2007). Dessa perspectiva decorre a importância de centrar a investigação no meio ambiente, espaço territorial identitário em que a língua se realiza; no homem, com suas origens que o instituem; e na língua, que estabelece a mediação dessa relação do homem com o território. Diante disso, este trabalho objetiva investigar em algumas gramáticas, tradicionais ou mais modernas, o que elas apontam como adjetivo pátrio e como gentílico com o propósito de verificar essa correlação com a linguística ecossistêmica. Os procedimentos metodológicos desta pesquisa bibliográfica são indutivos, com uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória e explicativa. Os resultados apontam para a não diferenciação

\* Doutora em Letras e Linguística (UFG). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/ CAMPUS DE BALSAS. Apoio FAPEMA. E-mail: [celialeitecastro@hotmail.com](mailto:celialeitecastro@hotmail.com)

\*\* Doutora em Letras e Linguística (UFG). Professora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Balsas. E-mail: [britogisa@hotmail.com](mailto:britogisa@hotmail.com)

entre adjetivos pátrios e gentílicos na maioria das gramáticas analisadas, ocorrendo o apagamento dos gentílicos, principalmente em função das políticas linguísticas impositivas.

**Palavras-chave:** Adjetivos pátrios. Adjetivos gentílicos. Ecolinguística.

### **ABSTRACT**

*In the lexicon of a language, adjectives belong to a class of names that join nouns to add meaning and characteristics to them, playing a fundamental role in the description of objects and events in the world. In this lexical set the qualifier is called a demonym when referring to the nation, like “Brazilian”, in the same way “Maranhense” is associated with the territory, which does not occur with “timbira”, for example. These adjectives derive from the name of the place or the nation, which is why they designate nationality. But when thinking about certain peoples, groups of individuals with similar customs that inhabit certain localities, the concept triggered is that of ethnicity, producing ethnonyms such as “potiguar”, “gaúcho”, “capixaba”. These designative adjectives of race or region of origin may also be called gentilic. Many authors do not differentiate adjectives that refer to the place, to the nationality, to the homeland from those which refer to certain human groups of common origin. These two points of view are of great interest to an ecolinguistic analysis, a theoretical contribution that studies the interrelations between man, language and the environment or territory in its totality, the linguistic ecosystem (COUTO, 2007). From this perspective arises the importance of focusing research on the environment, the space of territorial identity in which the language takes place; on man, with the origins that institute him; and on language, which establishes the mediation of this relationship between man and his territory. With this in mind, this work aims to investigate in some grammars, both traditional and more modern, what they point out as a demonyms and as ethnonyms in order to verify this correlation with ecosystemic linguistics. The methodological procedures of this bibliographic research are inductive, with a qualitative, exploratory and explanatory type approach. The results point to the non-differentiation between demonyms and ethnonyms in most of the grammars analyzed, and the deletion of the gentilic adjectives, mainly as a result of prescriptive linguistic policies.*

**Keywords:** Demonyms. Ethnonyms. Ecolinguistics.

## **1 INTRODUÇÃO**

A curiosidade por investigar os adjetivos pátrios e gentílicos surgiu em uma discussão entre amigas sobre toponímia,<sup>1</sup> em que se discorria sobre o *continuum* entre topônimos-adjetivos, inter-relacionando o falante a seu espaço e a sua origem, e os gentílicos, mais usuais em determinados lugares, como “potiguar” em concorrência com o pátrio “rio grandense do norte”; “gaúcho”, com “rio grandense do sul”; “capixaba”, com “espírito santense”; enquanto termos como “timbiras” e “marajoara” não são tão usuais em comparação a “maranhense” e a “para-

---

<sup>1</sup> Agradecemos a profícua discussão com a professora Maria José Nélo, do Departamento de Letras, UEMA – São Luís.

ense”. Nesse momento, levantavam-se alguns questionamentos: se ocorre distinção nas gramáticas entre os adjetivos qualificativos denominados “pátrios” e os etnoadjetivos, denominados “gentílicos”; como seria a distribuição qualitativa dos pátrios em relação aos gentílicos; qual seria a natureza gramatical desses adjetivos; e o porquê de os gentílicos serem mais usuais em determinados lugares, como “potiguar”, “gaúcho” e “capixaba”, e não o serem em outros, como “timbiras” e “marajoara”; por último, até que ponto é possível perceber essa correlação pelo âmbito da linguística ecossistêmica.

Primeiramente, muitos autores não diferenciam os adjetivos qualificativos que fazem referência ao lugar, à nacionalidade, à pátria, daqueles que referem os grupos humanos de procedência comum. Desses conceitos derivam os nomes adjetivos (1) *Gentílico*, oriundo do latim “*gens, gentis* [geno], feminino: gente, conjunto de pessoas que pelos varões se ligam a um antepassado comum, varão e livre; família, descendência, raça; prole, filho; povo; nação”. Do adjetivo “*gentilicius, a, um, gentilis*, adjetivo. Próprio de uma *gens*, de uma família” (TORRINHA, 1942, p. 360); e (2) *Pátrio*, oriundo do substantivo latino “*pátria, ae*, subentendido *terra* [patrius], feminino: pátria, terra natal; pátria adoptiva; segunda pátria; a nação; o Estado, a pátria; região, país”. E o termo adjetivo “*patrius, a, um*, adj.; do pai, pertencente ao pai, próprio de pai; hereditário; que vem dos pais, tradicional; da pátria, nacional. *Pátria, ae*: patrimônio; *patrius*, sermo: língua pátria” (TORRINHA, 1942, p. 611).

O adjetivo qualificativo pátrio é identitário no sentido de ser *brasileiro*, que deriva de uma nação chamada *Brasil*, da mesma forma que a naturalidade; deriva do nome do lugar ou da nação, no que decorre chamar-se *pátrio* como a referência à nacionalidade e à naturalidade em ser *maranhense* e não *timbira*. Mas ao se pensar no povo, pessoas com os mesmos costumes que habitam determinadas localidades, o termo da língua acionado para representar os habitantes desse lugar é o etnoadjetivo gentílico, que qualifica ser *timbira*, por exemplo, pois é identitário no sentido de referir uma origem étnica ou região de origem, que referencia um povo, neste caso, pessoas com costumes e hábitos similares que habitavam o interior do Maranhão desde que aqui estiveram os primeiros franceses, em 1594, e em seguida, em 1612, em missão da rainha regente da França, Maria de Médicis.

Tendo em vista o exposto, esta investigação insere-se em uma perspectiva que considera o nome adjetivo como um item lexical constituidor de identidade cultural e memória, em consonância com o aporte teórico que estuda as inter-relações entre o homem, a língua e o meio ambiente ou território em sua totalidade, o ecossistema linguístico. Portanto, essa análise tem como base a Visão de Mundo Ecológica – VEM, em virtude de encarar a linguagem em suas inter-relações, como uma dinâmica biopsicossocial. O estudo parte de uma discussão em direção à teoria, portanto, é indutivo, em que o método é o da focalização “melhor exposição de como deve proceder quem pratica linguística ecossistêmica no momento em que precisa estudar determinado fenômeno muito específico da língua” (COUTO, 2018, p. 29). Tendo em vista a ecometodologia, multimetodológica e multidisciplinar, os “pátrios” e “gentílicos” serão analisados da perspectiva da gramática, principalmente da sintaxe e da morfologia. A semântica contribuirá para se perceberem as relações de identidade que esses itens da língua portam, inter-relacionando-os à visão ecológica de mundo.

Neste estudo, em que se mesclam teoria e análise, optou-se por investigar em algumas gramáticas, de cunho mais prescritivo ou descritivo, o que elas apontam como adjetivo “pátrio” e como adjetivo “gentílico” de forma a verificar essa correlação com a linguística ecossistêmica. Escolheram-se e a *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Lima (1997); a *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2001); a *Gramática da língua portuguesa*, de Cunha (1984); a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (1985), com traços mais pres-

critivos; bem como a *Gramática: texto: análise e construção de sentido*, de Abaurre e Pontara (2006); a *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2012); a *Gramática de usos do português*, de Neves (2000); a *Gramática do português falado no Brasil: palavras de classe aberta*, de Negrão *et al.* (2014), com traços mais descritivos. Essa classificação não é absoluta, sendo esse um critério tipológico com traços mais ou menos prototípicos no que se refere ao estatuto ser prescritivo, que estabelece regras, ou descritivo, que se preocupa apenas com os fatos linguísticos atestados na linguagem dos falantes de uma língua. *A priori*, o propósito é a triangulação das perspectivas conceituais de pátrio e gentílico dos adjetivos nessas gramáticas. Ressalte-se que a *Gramática da língua portuguesa*, de Cunha (1984), já se anuncia com a preocupação de descrever – para além de apresentar as características do português contemporâneo em sua modalidade culta, a língua dos escritores – formas de língua oral dentro de princípios funcionais postulados por Roman Jakobson e André Martinet. Já a *Nova Gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 1985) é tida como uma gramática descritiva do português atual em sua forma culta, conforme exposto na capa do verso. A *Gramática normativa da língua portuguesa* (LIMA, 1997), além de normativa, classifica-se como histórica “retocada e enriquecida” em função dos acréscimos nessa 34ª edição.

Na organização do trabalho, a primeira parte traz a lume algumas concepções sobre o adjetivo presente nas gramáticas usadas nesta pesquisa. A segunda parte apresenta as concepções dessas gramáticas sobre adjetivo pátrio e adjetivo gentílico. Por último, as generalizações sintetizam esta investigação.

## 2 ESTATUTO DO ADJETIVO: ALGUMAS CONCEPÇÕES

Como preâmbulo, faz-se necessário identificar o paradigma que norteia esta análise, a ecolinguística ou estudo das interações entre meio ambiente e linguagem, ou de forma semelhante, no âmbito da ecologia da linguagem, definida por Haugen (2016, p. 58) como “o estudo das interações entre qualquer língua e seu meio ambiente”. Nessa perspectiva, o mundo referencial resultante da definição de meio ambiente e ao qual a língua proveria com um índice é o meio ambiente do léxico e da gramática e não da língua; esta possui como meio ambiente a sociedade que a usa e funciona na inter-relação de seus usuários entre si, o ambiente social, e com a natureza, o ambiente natural, assinala esse autor. Assim, numa perspectiva da ecologia da linguagem, que é determinada pelo uso e transmissão da língua, os adjetivos exercem um papel determinante nas interações entre seus usuários e, principalmente, reinam nas interações entre esses e o meio ambiente em que se encontram.

O que de mais favoravelmente propício existe na língua do que os nomes adjetivos, elementos essenciais no sintagma nominal, para refletirem o território de um povo, a impressão dessa pátria, da terra onde se vive? O que de mais conveniente há para revelar uma qualidade do povo a que se pertence e a que se ama, para orná-lo e representar seus sentimentos e emoções?

Caracterizando-se como componentes seminais do léxico de uma língua, os adjetivos são fundantes em todas as circunstâncias para atenderem às necessidades pessoais de expressão nas diversas interações. Segundo Couto (2007, p. 188), o léxico “é o inventário de rótulos que os membros da comunidade criaram para os aspectos do MA que consideram relevantes no processo de sua adaptação a ele e dele a si mesmos, bem como deles uns com os outros”. Dessa forma, os adjetivos incluem-se nesses rótulos como itens lexicais da língua que atribuem qualidade aos aspectos do Meio Ambiente (MA), da terra onde se vive, os acidentes geográficos, considerados relevantes aos membros de uma comunidade.

Os adjetivos são palavras de natureza nominal que se juntam aos nomes das coisas, dos eventos, para modificá-los, acrescentando-lhes uma qualidade, uma extensão ou uma quantidade, enfim, uma característica. Eles podem apresentar-se também como locução, oração, pronome, desde que tenham função de adjetivo.

Neste estudo, discutimos algumas concepções presentes nas gramáticas que seguem, a começar pela *Gramática: texto: análise e construção de sentido*, de Abaurre e Pontara (2006, p. 193), que definem os adjetivos como “palavras variáveis que especificam o substantivo, caracterizando-o”. Para essas autoras, essa especificação dos adjetivos refere-se a uma qualidade, um estado, um aspecto e a um modo de ser. Além disso, eles cumprem a função de estabelecer relações de tempo, de espaço, de finalidade, de procedência com seus referentes, como, “prova mensal (tempo), bairro americano (espaço), azeite espanhol (procedência), pronto-socorro cardiológico (finalidade)” (ABAURRE; PONTARA, 2006, p. 193), em que as funções de relação de espaço e de procedência estão relacionadas aos adjetivos pátrios e gentílicos.

Na *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2001, p. 142), o adjetivo “é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a delimitação [...] por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo”. Nessa gramática é lembrado também que, por pertencer ao inventário lexical aberto, essa classe de palavra pode sempre aumentar. Quanto à constituição, os adjetivos resultam da combinação do signo lexical (radical) com os signos morfológicos (desinências e alternâncias). As desinências podem indicar, na língua portuguesa, a gradação absoluta ou relativa, “belo – belíssimo”, e também sufixos de gênero e de número, belo/bela, belos/belas. Bechara (2001, p. 144) relembra que “os gramáticos antigos, gregos e latinos, reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos nomes, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras” e que, somente na Idade Média, a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos foi estabelecida. As delimitações que o adjetivo pode fazer em um substantivo podem ser de explicação, de especialização e de especificação, expressas “por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores*”. Os delimitadores explicadores ressaltam uma qualidade que é própria do nomeado “o vasto oceano”. Os delimitadores especializadores “marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado”, “a vida inteira, o sol matutino” (BECHARA, 2001, p. 143). Os delimitadores especificadores atribuem ao signo referido características que não lhe são próprias, restringindo assim as possibilidades de referência do nomeado, “*castelo medieval, menino louro, aves aquáticas*”. Há ainda a determinação identificadora como em “*folha de papel, folha de zinco, quadro de futebol, quadro de parede*”. A *Moderna gramática portuguesa* apresenta ainda uma descrição de tópicos referentes ao adjetivo como locução adjetiva, substantivação do adjetivo, flexões do adjetivo em gênero, número e grau, porém não discute adjetivos pátrios nem adjetivos gentílicos.

Segundo a *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2012), conhecido na gramática tradicional latina como *nomen adiectivum*, o adjetivo era categorizado apenas como nome, juntamente com o substantivo, em virtude da proximidade das características morfológicas de gênero e número desses dois tipos de nomes; das características sintáticas, como ser atributivo no sintagma nominal, e predicativo no sintagma verbal; e poderem apresentar-se em uma forma simples ou composta; e das características semânticas, serem predicativos e não predicativos. Somente a partir do século XVIII os gramáticos categorizam separadamente o adjetivo do substantivo em função de suas diferenças morfológicas, sintáticas e semânticas. No que se refere às características morfológicas, o adjetivo aceita flexão de grau por sufixos *-íssimo/a*, por terminações que são vestígios do latim *maior, menor, melhor, pior*, ou por especificadores e complementadores *mais + Adj + do que*. Quanto ao plural, também se comportam



como os substantivos, com o uso do morfema *-s*. Eles podem ser criados com o acréscimo de *-vel*, como *afável*, o que não ocorre com os substantivos; podem transformar-se em advérbio com o acréscimo de *-mente*, diferentemente dos substantivos; aceitam a derivação de quantificação com o acréscimo de *-oso* e *-al estudioso* e *sensacional* (CASTILHO, 2012). As diferenças sintáticas mais relevantes entre os substantivos e os adjetivos apresentadas por esse autor (2012, p. 512), principalmente com base em Quirk *et al.* (1985), são quanto a sua função atributiva *livro caro*; à função predicativa, traço relevante de seu estatuto categorial, *o livro é caro*; podem ser modificados por um intensificador *livro muito caro*; bem como podem assumir formas comparativas e superlativas *um livro mais caro que um caderno* e *livro caríssimo*. Os adjetivos classificam-se ainda como graduáveis ou relativos, com uma oposição relativa a seus antônimos *quente/frio*; e não graduáveis, absolutos ou de verificação, que implicam uma oposição absoluta a outros adjetivos *brasileiro/inglês/francês* (CASTILHO, 2012, p. 512-513).<sup>2</sup> Esse autor cita Casteleiro ao afirmar que “a natureza semântica do substantivo modificado assegura a propriedade predicativa” de adjetivos não predicativos, como em: *esses problemas são rurais e não urbanos*. Ainda com base em Casteleiro, o autor ressalta que “a posição dos adjetivos e sua relação com as sentenças relativas explicativas e restritas é uma questão mal resolvida na língua portuguesa” e acrescenta que “o tipo de substantivo parece mudar não predicativos em predicativos”, como em *ciências naturais e \*naturais ciências* se confrontado com *aptidões naturais e naturais aptidões*. Prosseguindo com a discussão sintática dos adjetivos, Castilho apresenta a “propriedade da comutabilidade com uma paráfrase nominal, como em *sistema nervoso* e *sistema dos nervos*, e afirma que “apenas os adjetivos não predicativos ‘passam’ por este teste, sendo esta mais uma razão para denominá-los relativos, isto é, relacionados a um substantivo”. Diante disso, e “levando em conta a atuação sintática dos adjetivos”, Castilho (2012), em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, denomina os adjetivos não predicativos de *adjetivos de verificação* e não menciona mais o termo “absoluto” para este tipo, o que se pode depreender que essa tipologia se esgota por depender muito do contexto sintático. Esses adjetivos são chamados ainda de pseudoadjetivos, adjetivos não prototípicos, adjetivos classificatórios ou adjetivos de relação. A adjetivação decorre de diferentes processos gramaticais tais como da intensificação de um substantivo *muito homem*; da sufixação gramatical de um verbo com os participios passados; e da recategorização dos substantivos *laurus > louro*. Eles podem se apresentar, quanto a sua estrutura morfológica, na forma simples *verde*, ou composta *verde-escuro*. Vale lembrar que os adjetivos acompanham os substantivos antepondo-se ou pospondo-se a eles e com eles concordam em gênero e número. Os adjetivos possuem como classes semânticas a dos predicativos, de ordem livre; a dos não predicativos, de ordem mais fixa; e a dos adjetivos dêiticos. Os processos de predicação adjetival propostos por Castilho são: “(i) emissão de um juízo sobre o valor de verdade da classe-escopo; (ii) modificação da extensão dos indivíduos designados pela classe-escopo; ou (iii) modificação das propriedades intencionais da classe-escopo”. Nessa gramática, Castilho (2012, p. 523) afirma que os adjetivos não predicativos ou verificadores “desempenham papel descritivo, integrando o substantivo em determinadas classes”. Assim, são subdivididos em (1) Pátrios; (2) Gentílicos; e (3) De cor.

A *Gramática da língua portuguesa*, de Cunha (1984), traz uma conceituação de adjetivo como a espécie de palavra que caracteriza os seres ou os objetos que são nomeados pelo substantivo e pode indicar-lhes uma qualidade ‘mulher *gentil*’, ou defeito ‘homem *grosseiro*’; o modo

---

<sup>2</sup> Os estudos de Castilho baseiam-se principalmente em Quirk *et al.* (1985), Bolinger (1967) e Casteleiro (1981).

de ser das pessoas ‘criança *paciente*’; o aspecto ou aparência ‘casa *abandonada*’; e ainda, um estado ‘paciente *debilitado*’. Em *Nova Gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 1985), o que especifica o adjetivo é que ele é essencialmente um modificador do substantivo e caracteriza seres, objetos e noções nomeadas pelo substantivo, indicando qualidade (ou defeito), modo de ser, aspecto ou aparência e estado; estabelece uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência com o substantivo, entre outras, estabelecendo-o como adjetivo de relação. Esses autores informam que os adjetivos derivados de substantivos são de natureza classificatória por precisarem o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhes a extensão do significado.

Na *Gramática do português falado no Brasil: volume III: palavras de classe aberta*, Negrão *et al.* (2014) defendem que é preciso caracterizar um conjunto de propriedades quando se pretende delimitar uma classe gramatical, e no caso do adjetivo, este apresenta propriedades “de natureza distribucional (sintática) ou semântica” (NEGRÃO *et al.*, 2014, p. 243). Os autores caracterizam este item lexical em três tipos: i) adjetivos adnominais, analisados a partir da relação que eles mantêm com o nome a que se referem, tipo que se subdivide em: argumentais e predicadores de núcleo; ii) adjetivos predicativos, cuja construção sintática baseia-se em um verbo; e iii) adjetivo como modificador adverbial. Os autores afirmam que o adjetivo pertence a uma classe lexical caracterizada por uma dupla possibilidade de distribuição, ou seja, ele “pode formar com o substantivo um único constituinte nominal, ou pode formar um constituinte autônomo, caso em que ele funciona como um predicativo”. As abordagens tradicionais deste item lexical já apontavam para essa distinção entre adjetivo-adjunto e adjetivo-predicativo. Os adjetivos adnominais fazem parte da estrutura de um sintagma nominal e são divididos em dois grupos: (i) adjetivos argumentais: “satisfazem exigências temáticas impostas pelo núcleo” (NEGRÃO *et al.*, 2014, p. 246), como por exemplo, ‘pesquisa *bibliográfica*’, em que é possível estabelecer um paralelo entre ‘pesquisa *bibliográfica*’ e ‘pesquisa *da bibliografia*’, e essa construção com o adjetivo pode comutar com a expressão nominal ‘pesquisa *da bibliografia*’ e, por fim, este adjetivo não aceita anteposição ao substantivo; (ii) adjetivos predicadores: assim definidos por serem eles mesmos que impõem exigências a serem satisfeitas em relação ao substantivo. Neste caso, são parafraseados por uma sentença relativa e podem ser usados como predicativos do objeto, podem se antepor ao substantivo e variar em grau, como exemplo “casa *grande*” (NEGRÃO *et al.*, 2014, p. 247). Apesar de Negrão *et al.* (2014, p. 246-248) não discutirem adjetivos pátrios e gentílicos, essas autoras exemplificam o adjetivo gentílico em “[...] o cigarro *brasileiro!*” como adjetivo adnominal, que faz parte da estrutura de um sintagma adnominal”, “estabelecendo diferentes relações com o nome-núcleo”, e argumental, que “saturam uma posição temática do substantivo com o qual se relacionam”, apesar de que *brasileiro* não satura o substantivo *cigarro*, mas satisfaz “exigências temáticas impostas pelo núcleo”; no caso dos gentílicos, as propriedades que os caracterizam são: aceitam a comutabilidade por expressão nominal ‘o cigarro *do Brasil*’ e não aceitam a anteposição ‘*brasileiro* cigarro’ ou ‘*do Brasil* cigarro’.

Lima (1997, p. 96) conceitua o adjetivo como “a palavra que restringe a significação ampla e geral do substantivo”, como em “homem *magro*, gramática *histórica*, criança *talentosa*”. Este autor o classifica quanto ao gênero em uniforme (paulista, forte) e biforme (espanhol/espanhola, bom/boa) e de estrutura composta; quanto ao número, ele apresenta a construção de plural dos adjetivos terminados em vogal oral ou ditongo, em consoante, em *-ão* acentuado e dos compostos; no que se refere aos graus de significação do adjetivo, o autor descreve o comparativo, o superlativo e algumas formas especiais desta construção.

### 3 NATUREZA DOS ADJETIVOS PÁTRIOS E DOS ADJETIVOS GENTÍLICOS

Alguns autores consideram essas duas classificações, outros, não. Assim, essa discussão propõe-se a identificar os pontos de vista deles nessas gramáticas a partir do seguinte questionamento: Quais propriedades caracterizam os adjetivos pátrios e os etnoadjetivos conhecidos como gentílicos?

Quanto à classificação do adjetivo, a *Gramática: texto: análise e construção de sentido*, de Abaurre e Pontara (2006, p. 193), situa os adjetivos pátrios na categoria de adjetivos derivados e afirma que muitos deles são derivados, bem como apresenta alguns que não são derivados, como os adjetivos brasileiros “Rio de Janeiro: carioca, Espírito Santo: capixaba, Rio Grande do Norte: potiguar”. Abaurre e Pontara (2006) afirmam que “aqueles que se referem a continentes, países, regiões, estados, cidades, etc., são adjetivos derivados”. Por fim, as autoras apresentam uma lista de adjetivos pátrios e nela destacam os termos que não são formas derivadas, etnoadjetivos como *carioca*, *capixaba* e *potiguar*.

Na *Moderna gramática portuguesa*, Bechara (2001, p. 360) não discute adjetivos pátrios e adjetivos gentílicos, mas apresenta, no capítulo de “Formação de palavras do ponto de vista constitucional”, exemplos deste tipo de adjetivo constituído com sufixos que formam nomes de naturalidade, tais como: *-aco* (autriaco); *-ano*, *-ão* (pernambucano, coimbrão); *-ense*, *-ês* (cearense, português); *-enho* (estremenho); *-eno* (madrileno, chileno); *-eu*, *-éu* (caldeu, hebreu, ilhéu); *-engo* (flamengo); *-ico* (brasílico); *-ista* (paulista); *-ol* (espanhol); *-oto* (minhoto); *-ato* (maiato); *-ino* (platino, bragantino), *-eiro* (brasileiro); *-eta* (lisboeta); *-aico* (hebraico, caldaico). Interessa ressaltar que quando esse autor apresenta os “principais sufixos para formar adjetivos” ele cita: *-vel*, *-bil* (notável, ignóbil); *-ano* (humano); *-ário*, *-eiro* (ordinário, costumeiro), entre outros sufixos que formam palavras que qualificam o substantivo, mas não cita nenhum exemplo com os sufixos que formam nomes que remetem à naturalidade ou à pátria.

Castilho (2012, p. 523) apresenta um estudo bem fundamentado e de grande alcance sobre os adjetivos. A classe dos verificadores, aqueles que “desempenham maiormente um papel descritivo, integrando o substantivo em determinadas classes”, ele a subdivide em adjetivos pátrios, gentílicos e de cor. Há ainda os adjetivos dêiticos locativos e os dêiticos temporais. Retomando os adjetivos de verificação ou não predicativos, ou adjetivos relativos, Castilho (2012) informa que ocorre uma comparação implícita entre seu escopo e o correspondente sentido prototípico, em que esses adjetivos passam a ser escolhidos após uma comparação não explícita, como no exemplo, *situação brasileira*, onde ocorre um papel temático locativo, *situação no Brasil*. A função desses adjetivos é dispor o conteúdo do substantivo em diversas perspectivas, operando como classificadores, adjetivos pátrios, adjetivos gentílicos e adjetivos de cor.

Na *Gramática da língua portuguesa*, Cunha (1984) afirma que é muito estreita a relação entre o substantivo, termo determinado, e o adjetivo, termo determinante; que os adjetivos possuem um caráter autônomo do ponto de vista semântico, o que não ocorre do ponto de vista morfológico, e que são derivados de um substantivo ou de um verbo, em sua maioria. Dentre os adjetivos derivados de substantivos, Cunha (1984) apresenta aqueles que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, os pátrios, bem como os que se aplicam a raças e povos, os gentílicos. Este autor apresenta os sufixos que mais formam adjetivos pátrios e gentílicos: *-ês* ou *-ense* e *-ão* ou *-ano* e o fato de os adjetivos assumirem geralmente a forma alatinada reduzida para formar os compostos como *anglo-americana* e *luso-brasileira*.

Na *Nova Gramática do português contemporâneo*, os adjetivos pátrios são “os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 241), tais como *africanos*, *americanos*, *asiáticos*, *sulistas*, *campineiros* entre outros. Os



adjetivos gentílicos são os que se aplicam a raças e povos (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 241) como indígenas, amarelos, brancos, negros entre outros. Cunha e Cintra estabelecem que:

Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se PÁTRIOS; os segundos, GENTÍLICOS, denominações estas que foram omitidas na *Nomenclatura Gramatical Brasileira* e na *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, mas que nos parecem necessárias (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 241, grifos dos autores).

Esses autores trazem, por exemplo, adjetivos pátrios brasileiros como *espírito-santense* (do estado do Espírito Santo), *maranhense* (do Maranhão), *mineiro/-a* (de Minas Gerais), *norte-rio-gandense* (do Rio Grande do Norte), *sul-rio-grandense* (do Rio Grande do Sul); portugueses: *alentejano/-a*, *algarvio/-a*, *ribatejano/-a*; africanos: *angolano/-a*, *caboverdiano/-a*, *guineense*, *moçambicano/-a*. Eles os apresentam com estrutura morfológica simples, como em *civilização portuguesa*; e composta, como em *civilização luso-brasileira*.

Em *Gramática do português falado no Brasil: volume III: palavras de classe aberta*, de Negrão *et al.* (2014), apesar de não discutirem essa nomenclatura, apresentam uma classificação em que se pode categorizar os adjetivos pátrios e gentílicos como adnominais argumentais, os que atuam no interior do sintagma e na relação adjetivo-substantivo satisfazendo, o adjetivo, exigências temáticas impostas pelo nome substantivo, como no exemplo citado pelas autoras (NEGRÃO *et al.*, 2014, p. 247) *cigarro brasileiro* em que, para além de o adjetivo *brasileiro* exprimir uma propriedade que se aplica a *cigarro*, estabelecendo uma relação temática com o substantivo-núcleo, forma construção como *do Brasil*, que aceita comutabilidade por expressão nominal, e não produz sentido em construções como *cigarro muito brasileiro*, ou *brasileiro cigarro*, não aceitando anteposição.

Na *Gramática normativa da língua portuguesa*, Lima (1997, p. 208-209) não discorre sobre os adjetivos pátrios nem sobre os gentílicos, mas apresenta os pátrios no capítulo de “Formação de palavras” com exemplos de nomes formados com os sufixos latinos *-ano*, *-ão*: *americano*, *romano*, *serrano*; e *-ense* e *-ês* que formam adjetivos de substantivos: *ateniense*, *cearense*, *paraense*, *parisiense*, *vassourense*, *vienense*, *português*.

No que se refere à distribuição classificatória dos adjetivos em “pátrios” e “gentílicos”, elabora-se uma síntese, conforme o Quadro 1 e o Quadro 2 a seguir.

Quadro 1 – Distribuição classificatória dos adjetivos pátrios

Gramáticas prescritivas		Gramáticas descritivas	
<i>Moderna gramática portuguesa</i> , de Bechara (2001)	-	<i>Gramática: texto: análise e construção de sentido</i> , de Abaurre e Pontara (2006)	Adjetivos derivados
<i>Gramática da língua portuguesa</i> , de Cunha (1984) e <i>Nova Gramática do português contemporâneo</i> , de Cunha e Cintra (1985)	Adjetivos derivados	<i>Nova gramática do português brasileiro</i> , de Castilho (2012)	Adjetivos de verificação
<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i> , de Lima (1997)	-	<i>Gramática do português falado no Brasil: palavras de classe aberta</i> , de Negrão <i>et al.</i> (2014)	Adjetivos adnominais argumentais

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quadro 2 – Distribuição qualitativa das concepções sobre adjetivo gentílico

Gramáticas prescritivas		Gramáticas descritivas	
<i>Moderna gramática portuguesa</i> , de Bechara (2001)	-	<i>Gramática: texto: análise e construção de sentido</i> , de Abaurre e Pontara (2006)	Não derivados
<i>Gramática da língua portuguesa</i> , de Cunha (1984) e <i>Nova Gramática do português contemporâneo</i> , de Cunha e Cintra (1985)	Adjetivos derivados	<i>Nova gramática do português brasileiro</i> , de Castilho (2012)	Adjetivos de verificação
<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i> , de Lima (1997)	-	<i>Gramática do português falado no Brasil: palavras de classe aberta</i> , de Negrão et al (2014)	Adjetivos adnominais argumentais

Fonte: elaborado pelas autoras.

Dentre os autores das gramáticas que não discutem claramente os adjetivos pátrios e os adjetivos gentílicos destacam-se Bechara (2001), Negrão *et al.* (2014) e Lima (1997). Os demais trazem discussões claras sobre essas duas categorizações nominais. Abaurre e Pontara (2006) reconhecem os adjetivos pátrios, mas não referenciam os gentílicos, embora falem dos adjetivos não derivados como *carioca* e *potiguar*. Castilho (2012, p. 523) apresenta um estudo bem fundamentado e de grande alcance sobre os adjetivos e classifica os pátrios e os gentílicos na classe dos verificadores. Cunha (1984) e Cunha e Cintra (1985) discutem os adjetivos pátrios, aqueles que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como os gentílicos, aqueles que se aplicam a raças e povos.

Assim, verifica-se a omissão progressiva de uma classe substancial de nomes por meio das instruções normativas expedidas pela Portaria Ministerial nº 152, de 24 de abril de 1957, conforme Cunha (1984) assinala “denominações estas que foram omitidas na *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, mas que nos parecem necessárias”. A Simplificação e Unificação da *Nomenclatura Gramatical Brasileira* – NGB, pela Portaria nº 152, pretendia “uma terminologia simples, adequada e uniforme”, que se registrou na Segunda Parte como segue: Morfologia, subseção III – Adjetivo: 1 - Formação do adjetivo: primitivo e derivado; simples e composto. 2 - Flexão do adjetivo: a) em gênero: masculino e feminino; b) em número: singular e plural; c) em grau: comparativo de igualdade; de superioridade (analítico e sintético); de inferioridade; superlativo: relativo (de superioridade de inferioridade); absoluto (sintético e analítico). E 3 - Locução adjetiva.

Além do fator antes salientado, convém evidenciar as políticas linguísticas impositivas adotadas desde o Período Colonial no Brasil. Culturalmente, não foi o gentílico *timbira* adotado seja para nominar ou modificar/acrescentar uma qualidade ao nome do povo que aqui habitava. No que se refere a essas línguas autóctones, muitos desses etnoadjetivos foram silenciados em função das imposições da política pombalina oficializada pela Carta Régia de 11 de junho de 1761 e pelo documento do Arquivo Histórico Ultramarino, com o registro AHU-ACL-CU-009; Caixa: 41 Doc. 03997, principalmente no governo de Gonçalo Pereira Lobato de Sousa, que seguia o hábito dos governantes da época de “fortalecer a região Amazônica”, o que se manifestou fortemente nos estados do Maranhão e do Pará onde essa presença foi bastante marcante.

Vem ocorrendo, portanto, não só de agora um apagamento teórico-conceitual de um dos aspectos da língua que contribui exatamente na referência aos espaços territoriais, ao torrão natal e aos povos e comunidades etnoculturais e tradicionais.

Quanto à natureza gramatical dos adjetivos pátrios e gentílicos, observou-se o que segue.

Quadro 3 – Natureza gramatical dos adjetivos pátrios

Gramáticas	Natureza morfológica	Natureza sintática	Natureza semântica
<i>Moderna gramática portuguesa</i> , de Bechara (2001)	Derivação sufixal	-	Nomes de naturalidade
<i>Gramática da língua portuguesa</i> , de Cunha (1984) e <i>Nova Gramática do português contemporâneo</i> , de Cunha e Cintra (1985)	Pátrios brasileiros e africanos simples; pátrios compostos; sufixos nominais que formam adjetivos de substantivos.		Pátrios brasileiros e pátrios africanos.
<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i> , de Rocha Lima (1997)	Derivação sufixal Forma adjetivos de substantivos	-	-
<i>Gramática: texto: análise e construção de sentido</i> , de Abaurre e Pontara (2006)	Derivados; simples e compostos	Adjetivos de relação	Relação de espaço.
<i>Nova gramática do português brasileiro</i> , de Castilho (2012)	Estrutura simples e composta; derivados de um substantivo; aceitam prefixos numéricos e não aceitam prefixos de negação.	Não predicativos; não admitem gradação; posição pós-nominal; comutabilidade com uma paráfrase nominal; não funcionam como predicativos do objeto e como aposto; adjunto adnominal.	Operador de verificação; classe semântica de ordem mais fixa; papel descritivo.
<i>Gramática do português falado no Brasil: palavras de classe aberta</i> , de Negrão <i>et al.</i> (2014)	Estrutura: adjetivo > preposição + substantivo	Fazem parte de um sintagma nominal, são adjetivos adnominais.	Satisfazem exigências temáticas impostas pelo substantivo-núcleo

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quadro 4 – Natureza gramatical dos adjetivos gentílicos

Gramáticas	Natureza morfológica	Natureza sintática	Natureza semântica
<i>Moderna gramática portuguesa</i> , de Bechara (2001)	-	-	-
<i>Gramática da língua portuguesa</i> , de Cunha (1984) e <i>Nova Gramática do português contemporâneo</i> , de Cunha e Cintra (1985)	-	-	-
<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i> , de Lima (1997)	-	-	-
<i>Gramática: texto: análise e construção de sentido</i> , de Abaurre e Pontara (2006)	Não derivados; simples e compostos	Adjetivos de relação	Relação de procedência.
<i>Nova gramática do português brasileiro</i> , de Castilho (2012)	Estrutura simples e composta; derivados de um substantivo; aceitam prefixos numéricos e não aceitam prefixos de negação.	Não predicativos; não admitem gradação; posição pós-nominal; comutabilidade com uma paráfrase nominal; não funcionam como predicativos do objeto nem como aposto; adjunto adnominal.	Operador de verificação; classe semântica de ordem mais fixa; papel descritivo
<i>Gramática do português falado no Brasil: palavras de classe aberta</i> , de Negrão <i>et al.</i> (2014)	Estrutura: adjetivo > preposição + substantivo	Fazem parte de um sintagma nominal, são adjetivos adnominais.	Satisfazem exigências temáticas impostas pelo substantivo-núcleo

Fonte: elaborado pelas autoras.

A morfologia dos adjetivos pátrios revelada pelos autores classifica-os como derivados – derivação sufixal –, sendo formados de substantivos; sufixos nominais que formam adjetivos de substantivos; aceitam prefixos numéricos e não aceitam prefixos de negação; com estrutura simples e composta e que podem ser representados por *preposição + substantivo*. Os adjetivos gentílicos são classificados claramente como não derivados; possuem estrutura simples e composta. Destaca-se quanto à morfologia, que nos pátrios compostos, a localização é recuperada no início do sintagma adjetival *norte-rio-gandense*, *sul-rio-grandense*, mas não em *mato-grossense do sul*, pátrio atribuído mais recentemente por ser este um estado mais novo. Ainda na formação dos compostos, geralmente a forma alatinada recupera, na forma reduzida, o gentílico como em *anglo-americana* (anglo, povo que habitava a atual Inglaterra), *civilização luso-brasileira* (luso, povo que habitava a antiga Lusitânia e atual Portugal) amalgamento que gera uma hibridez pátrio-gentílico.

Na sintaxe, tanto os adjetivos pátrios quanto os gentílicos classificam-se como adjetivos de relação; fazem parte de um sintagma nominal e estão compreendidos no grupo dos não predicativos; funcionam como adjunto adnominal do núcleo nome; não admitem gradação; possuem posição pós-nominal; admitem comutabilidade com uma paráfrase nominal; e não funcionam como predicativos do objeto nem como aposto.

Os adjetivos pátrios são nomes que estabelecem relação semântica de espaço, referem, portanto, naturalidade; são operadores de verificação; pertencem a uma classe semântica de ordem mais fixa; possuem papel descritivo; satisfazem exigências temáticas impostas pelo substantivo-núcleo; e trazem, dentre outras classificações, as de pátrios brasileiros e de pátrios africanos. Os adjetivos gentílicos se diferem dos pátrios unicamente por estabelecerem relação de procedência, descendência relativa a um povo.

Verificada a natureza dos adjetivos pátrios e gentílicos, depreende-se que está ocorrendo um apagamento teórico-conceitual de um dos aspectos da língua que muito contribui na referência aos espaços territoriais, ao torrão natal, e aos povos e comunidades etnoculturais e tradicionais. A omissão dos adjetivos pátrios e gentílicos nas gramáticas contribui silenciosamente para o esquecimento de forças socioambientais identitárias nos traços culturais de forma que esse lapso impacta nos estudos das inter-relações homem, língua e território, especialmente para os que consideram a linguagem ecossistêmica, pelo vazio no que tange a um dos aspectos tão importante, as vozes biopsicossociais dos sujeitos ao referenciar e significarem suas identidades culturais e geoambientais.

## DEPREENSÕES FINAIS

Algumas gramáticas como a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* reeditada em sua forma definitiva, de Lima (1997), a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Bechara (2001) e a *Gramática do português culto falado no Brasil*, em um texto de Negrão *et al.* (2014), não discutem os adjetivos de relação pátrios e gentílicos. As demais apontam de forma breve ou mais detalhada sobre os adjetivos pátrios e pouco sobre os gentílicos.

Não se verificou distinções mais precisas entre as gramáticas, seja de cunho mais prescritivo ou descritivo, ao considerarem as relações de espaço e de origem, provavelmente pelo fato de o adjetivo pátrio amalgamar parte dos sentidos que significam a origem e a cultura de um povo. Verificou-se claramente que o conceito de adjetivo “gentílico”, mais do que de adjetivo “pátrio”, está se tornando desativado.

A influência do meio ambiente social da língua se reflete no aspecto conceitual descrito nas gramáticas; mais precisamente, o meio ambiente físico se revela no aspecto caracterizador dos espaços, por meio das formas que significam os adjetivos pátrios, e o cultural, com as formas que significam os gentílicos. As percepções sobre a natureza desses adjetivos convidam a uma abordagem para além de multidisciplinar, transdisciplinar, em que sejam considerados os aspectos sociais da língua, nessa modernidade líquida, no dizer de Bauman (2001); em que seja observada a perspectiva holística ou sistêmica, como propõe Capra (1982), de forma que se tenha consciência de que o estudo das partes não permite que se conheça todo o funcionamento da língua. Neste caso, os adjetivos pátrios e gentílicos são pequenas partes que podem contribuir para que se tenha uma perspectiva mais ecológica e ecossistêmica da linguagem referencial.

Para além desses aspectos, é sobretudo importante assinalar que ao se apagar determinado campo de estudo da linguagem, o exemplo máximo de expressividade humana pela língua, como se percebe os adjetivos, fere-se a dignidade dos indivíduos. Caso se tivesse acrescentado outras várias abordagens, como propõe Ortega y Gasset (1963 apud COUTO, 2018), mais depreensões sobre os pátrios e gentílicos teriam sido apreendidas. Por fim, reconhece-se que essa discussão está longe de ser exaurida em virtude do recorte selecionado para este trabalho. Entretanto, desejou-se chamar a atenção para um dos aspectos das políticas linguísticas, com a imposição de leis que tentam apagar estudos seculares.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M. *Gramática: texto: análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BOLINGER, D. *Adjectives in english: attribution and predication*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1967.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CASTELEIRO, J. M. Aspectos da sintaxe do português falado no interior do país. *Boletim de Filologia 14*. Lisboa, 1975.
- CASTELEIRO, J. M. *Sintaxe Transformacional do Adjetivo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COUTO, H. H. do. A metodologia na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (Eco-Rebel)*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 10. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1984.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



HAUGEN, E. Ecologia da linguagem. In: COUTO, H. H. do *et al.* (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016.

LIMA, C. H. da R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

NEGRÃO, E. V. *et al.* O adjetivo. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado no Brasil: palavras de classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

QUIRK, R. *et al.* *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman, 1985.

QUIRK, R. *et al.* *A concise grammar of contemporary English*. London: Harcourt Brace Jovanovich College, 1972.

TORRINHA, F. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.